

ETIQUETA

PORTE PAGO  
DR / RIO  
PRT 2972/95



# CARTA IBGE

**IBGE**

ano III - nº 40

novembro 1997

## Pesquisa especial mostra situação da cafeicultura no Paraná

Depois de ver seus cafezais praticamente destruídos, por conta da geada que atingiu cerca de 90% da área plantada, o Paraná está assistindo à introdução de novas técnicas de plantio.

Com o objetivo de fornecer informações estatísticas sobre a situação da cafeicultura paranaense, o IBGE e a Secretaria de Estado de Agricultura e do Abastecimento do Paraná - SEAB/PR, em convênio de colaboração técnica, realizou em junho deste ano uma pesquisa especial sobre a cultura do café.

A metodologia empregada foi da pesquisa objetiva de previsão de safras - PREVS do Departamento de Agropecuária - DEAGRO (responsável pelo delineamento estatístico) e do Departamento de Documentação e Informação -DEPIN (responsável pela construção e manutenção dos painéis de áreas). Esta é baseada em um painel de amostra de área estratificado, segundo o uso do solo, através de técnicas de interpretação de imagens de satélite (sensor TM/LANDSAT) nas escalas 1:100 000 e 1:250 000, aliadas ao uso de cartas topográficas e com seleção sistemática das unidades amostrais (segmentos).

Para o levantamento específico da cultura do café no Paraná foram investigadas 170 áreas de exploração em 84 segmentos com este cultivo em idade produtiva e/ou pés novos. As principais variáveis pesquisadas foram referentes à área plantada e rendimento médio, por sistema de cultivo (tradicional - no qual a distância entre as linhas de cafezal, em idade produtiva, proporciona áreas de acesso ou circulação; ou adensado - no qual a proximidade dos pés ou covas na linha e entre as linhas de plantio, faz com que no cafezal em produção, forme uma densa massa de vegetação, sem áreas livres entre as plantas); cultivar (subdivisão da espécie obtida

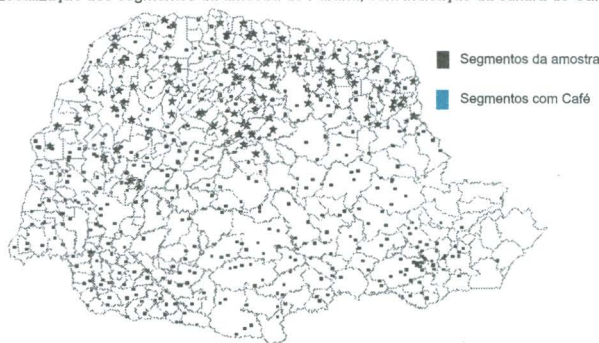
do trabalho de melhoramento, levado a efeito pela área de genética dos institutos de pesquisas agrícolas, reunindo características de produtividade, qualidade da bebida, rusticidade e adaptabilidade ao clima); número de pés

plantados; espaçamento; número de plantas por cova e idade da planta.

Além dessas variáveis, essenciais à elaboração das estimativas relativas à safra, foram coletadas informações sobre a utilização de práticas agrícolas (adubação, irrigação, aplicação de defensivos e uso de força); tipos de cultivo (simples, associado, intercalado); meses de plantio e colheita; práticas empregadas

nos três últimos anos (tecnologia utilizada, sistema de colheita e comercialização) e mão-de-obra empregada (categoria, sexo, idade).

**Pesquisa de Previsão e Acompanhamento de Safras - PREVS**  
Localização dos segmentos da amostra do Paraná, com indicação da cultura do Café



## Sumário

- Taxa de desemprego se mantém estável pág. 2
- Custo da construção civil:  
primeira deflação do ano pág. 2
- Unificação do sistema geodésico sul-americano pág. 3
- Produção industrial e agrícola pág. 4
- Banco de dados na Internet pág. 5
- Mais um passo na homogeneização  
do cálculo dos PIBs dos estados pág. 5
- Redução de pessoal na indústria pág. 5
- Convênio viabiliza PMC também em Recife pág. 6
- INPC e IPCA de setembro pág. 6
- Indicadores conjunturais pág. 7

Como resultado, a pesquisa estimou uma área plantada com pés em idade produtiva (mais de 3 anos) de 129 560 ha, com produtividade de 1 146 kg/ha de café em coco, sendo 95% de cultivo no sistema tradicional e o restante pelo sistema adensado.

Em relação à área plantada com pés novos, é interessante ressaltar que 90,65% é relativa ao sistema de cultivo adensado, o que pressupõe que os cafeicultores estão acreditando nesta nova técnica. Dos estabelecimentos investigados, 84% usam algum tipo de tecnologia e 90% praticam adubação e ou correção do solo.

No que se refere à área cultivada, em 36,45% desta foram utilizadas força manual, 39,80% mecânica e 23,75% animal, sendo que a procedência da força empregada nestas áreas era própria em 31,07%, 15,28% e 5,86%, respectivamente.

Com o intuito de estimar a próxima safra desta lavoura e ter o acompanhamento estatístico deste cultivo de suma importância para a economia do Paraná, esta pesquisa está sendo repetida. Os trabalhos de campo estão sendo realizados desde outubro e a previsão é de que os resultados preliminares sejam liberados até o final deste ano.

## Pesquisa mensal revela estabilidade para o emprego

A taxa de desemprego aberto apurada nas seis maiores regiões metropolitanas do País (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre) foi de 5,95% em agosto. Em relação a julho, esta taxa refletiu um quadro de estabilidade para o número de pessoas ocupadas e de ligeira queda - não significativa estatisticamente - para o número de pessoas desocupadas. Já na comparação com agosto do ano passado (5,56%), diminuiu o contingente de ocupados e o número de pessoas procurando trabalho cresceu ligeiramente, o que elevou a taxa de desemprego-aberto.

De agosto/96 para agosto/97, o número de pessoas ocupadas na indústria de transformação (-5,78%) apresentou a queda mais acentuada do ano e o setor de serviços (0,91%), a menor taxa de crescimento. O número de empregados com carteira de trabalho assinada cresceu 1%, enquanto o número de empregados sem carteira caiu 4,3%. Por setor de atividade, a taxa média de desemprego aberto revelou o movimento mais significativo na construção civil, onde o indicador passou de 5,84% em agosto do ano passado para 7,35% em agosto deste ano.

O rendimento médio nominal dos empregados com carteira de trabalho assinada, em julho deste ano, foi de R\$ 668,82, o dos empregados sem carteira de trabalho assinada, R\$ 507,87, e o das pessoas que trabalham por conta própria, R\$ 607,69.

A comparação do período janeiro-agosto com o mesmo período de 1996 revela aumento de 0,6% para o número de pessoas ocupadas, puxado pelo acréscimo de pessoas trabalhando nos setores de serviços (1,9%) e de comércio (1,2%). Das categorias de ocupação, a influência foi do crescimento do número de pessoas trabalhando por conta própria, de 2,3%. A média da taxa de desemprego aberto foi a mesma do período anterior: 5,8%.

De julho/96 para julho deste ano, aumentou o rendimento médio real dos empregados com carteira assinada (3,5%) e dos que trabalham por conta própria (2,4%), enquanto o dos empregados sem carteira caiu 1,6%. Para as pessoas ocupadas na indústria de transformação e nos serviços o rendimento cresceu quase 2%. Já o rendimento das pessoas que trabalham na construção civil e no comércio apresentou queda em torno de 4%.

## Custo médio da construção civil aponta deflação em setembro

Depois de onze meses, o custo médio nacional da construção civil voltou a apresentar deflação: a variação negativa registrada em setembro foi de -0,21%. Em outubro de 1996, assinalou -0,17%. Por metro quadrado, o custo passou de R\$ 340,40 para R\$ 339,67. Deste montante, R\$ 210,51 correspondem à parcela dos materiais e R\$ 129,16 à mão-de-obra. Na comparação mensal, os materiais (-0,25%) apresentaram queda maior do que a observada para a mão-de-obra (-0,16%). De agosto para setembro, recuaram o acumulado no ano (de 3,79% para 3,56%) e dos últimos 12 meses (de 4,34% para 4,01%). Por essas mesmas comparações, o custo da mão-de-obra alcançou variações de 5,96% e 8,11%, significativamente mais altas do que os 2,15% e 1,64% apurados para os materiais, nos mesmos intervalos.

O aumento regional mais acentuado ocorreu no Centro-Oeste (0,39%) e a menor variação no Norte (-0,67%). No acumulado do ano e em 12 meses, o Sudeste registra as maiores taxas (5,09% e 5,19%) e o Nordeste as menores (1,53% e 2,60%). Em setembro, foi também no Centro-Oeste que o custo dos materiais e da mão-de-obra tiveram as maiores altas (0,44% e 0,29%), ficando o Norte com a mais baixa para os materiais (-1,05%) e o Nordeste para a mão-de-obra (-0,54%). Os custos regionais acima do custo nacional foram os do Norte (R\$ 379,03), Sul (R\$ 351,40) e Sudeste (R\$ 348,38). Abaixo da média nacional ficaram as regiões Nordeste, com R\$ 314,06, e Centro-Oeste, com R\$ 321,02.

Em setembro, os custos caíram em 19 Unidades da Federação. As regiões Norte, Nordeste e Sudeste tiveram, cada uma delas, apenas um estado com variação positiva: respectivamente Roraima (0,35%), Ceará (0,19%) e Minas Gerais (0,85%). A queda mais forte ocorreu no Paraná (-0,92%) e o maior índice mensal no Mato Grosso (1,19%), devido ao dissídio salarial da mão-de-obra. Estes resultados são produzidos mensalmente pelo IBGE através de convênio com a Caixa Econômica Federal.

## Correções

Na edição de setembro, na página 3, o texto atribui apenas ao Departamento de Geografia a produção do Diagnóstico Ambiental do Litoral de Santa Catarina. Na verdade, o projeto contou também com a participação do Departamento de Recursos Naturais e Estudos Ambientais, Divisão de Geociências/Sul e Divisão de Geociências/Nordeste.

Já na edição anterior, houve incorreção em dois gráficos: na página 3, o de comércio varejista inverteu as informações entre emprego e salários. As variações corretas são informadas pelo texto correspondente. Na página 4, a legenda do gráfico indica maio como mês de referência, quando o certo é julho.

## Projeto geodésico coordenado pelo IBGE tem aprovação internacional

O projeto de unificação do sistema geodésico sul-americano foi extremamente bem sucedido, na avaliação geral dos participantes da Assembléia Científica da Associação Internacional de Geodésia (IAG), realizada em setembro último, no Rio de Janeiro. Na oportunidade, foram divulgados os resultados finais do Projeto Sistema de Referência Geocêntrico para a América do Sul - SIRGAS, com versões em português/espanhol e inglês.

Iniciado em 1993, numa conferência internacional ocorrida em Assunção, Paraguai, a convite da Associação Internacional de Geodésia - IAG, do Instituto Pan-americano de Geografia e História - IPGH e da Agência Cartográfica do Departamento de Defesa dos EUA - DMA (atualmente, Agência Nacional de Mapas e Imagens -NIMA), o SIRGAS nasceu com os objetivos de definir um sistema de referência para a América do Sul; estabelecer e manter uma rede de referência e definir e estabelecer um datum geocêntrico.

As metas foram alcançadas conforme o previsto, pois a intenção era, justamente, anunciar os resultados em coincidência com a Assembléia Científica da Associação Internacional de Geodésia, excetuando-se a manutenção, que tem caráter permanente. Foram ainda firmadas como metas promover e coordenar os trabalhos de cada país sul-americano, estabelecer uma rede de pontos de alta precisão com o Sistema de Posicionamento Global (GPS), concentrar inicialmente a atenção no Datum Horizontal e facilitar a conexão das redes já existentes.

### Evolução deve conduzir a uma geodésia global

As atividades do Projeto SIRGAS foram dirigidas para a adoção no continente de uma rede de referência de precisão compatível com as técnicas modernas de posicionamento, principalmente as associadas ao sistema GPS. Considerando a proliferação do uso do GPS, referir estes novos levantamentos a uma estrutura geodésica existente, implantada basicamente pela utilização dos métodos clássicos (triangulação, poligonação, trilateração, etc) e cuja precisão é pelo menos dez vezes pior que a fornecida facilmente com o GPS, implicaria, no mínimo, em desperdício de recursos. Além disso, a multiplicidade de sistemas geodésicos clássicos, adotados pelos países sul-americanos, dificultava a solução de problemas tecnicamente simples, tais como a definição de fronteiras internacionais. Por isso foi adotado o IERS (*International Earth Rotation Service*) *Terrestrial Reference Frame* (ITRF), para o sistema de referência, e os eixos coordenados baseados no sistema de referência SIRGAS e parâmetros do elipsóide "Geodetic Reference System (GRS) of 1980", para o datum geocêntrico. A adoção do ITRF como sistema de referência comum garante a homogeneização de resultados internamente ao continente e permite uma integração consistente com as redes dos demais continentes, contribuindo cada vez mais para o desenvolvimento de uma geodésia global.

### Estrutura do projeto

O Comitê do projeto é formado por um representante de cada país do continente e um de cada entidade patrocinadora, sendo responsável pelas diretrizes do projeto e pela análise dos resultados obtidos pelos Grupos de Trabalho. Existe um

Bureau funcionando como sede do Comitê e fornecendo suporte à sua presidência. Um Conselho Científico formado por profissionais da comunidade internacional assessora o comitê em suas análises e decisões, bem como os grupos de trabalho. Além de exercer a presidência do comitê, o IBGE abriga o escritório central do projeto.

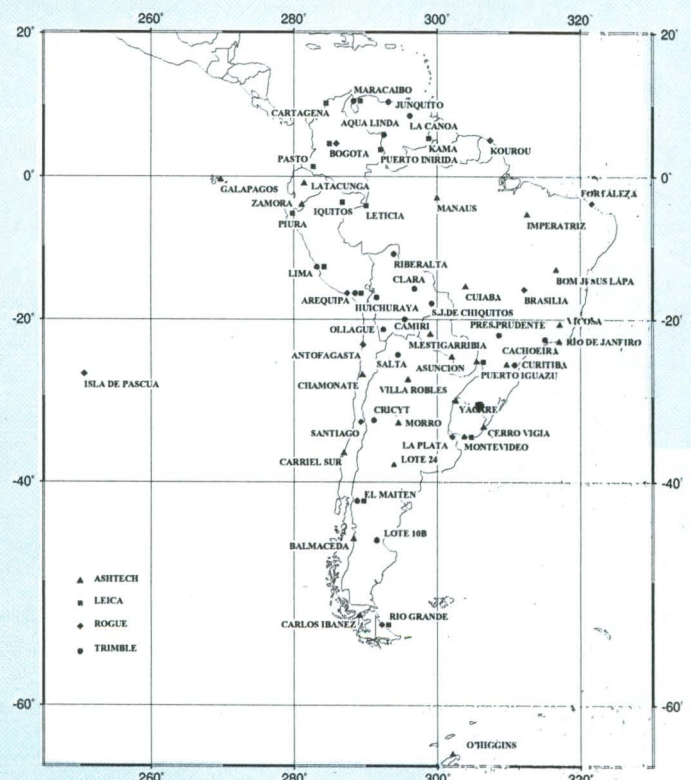
O Grupo de Trabalho I foi responsável pelo estabelecimento do sistema de referência. Para este propósito, organizou uma campanha GPS continental, realizada de 26 de maio a 4 de junho de 1995. O processamento dos dados da rede estabelecida durante a campanha foi executado independentemente pelo *Deutsches Geodaetisches Forschungsinstitut* (DGFI) e pela *National Imagery and Mapping Agency* (NIMA). A figura mostra as 67 estações estabelecidas e os tipos de receptores GPS utilizados durante a campanha.

O Grupo de Trabalho II tem se encarregado de coordenar a integração das redes geodésicas nacionais de cada país sul-americano à estrutura de referência SIRGAS.

### Rede é, atualmente, uma das mais precisas do mundo

As coordenadas oficiais de cada estação da Rede de Referência SIRGAS foram adotadas pelos representantes dos países sul-americanos presentes durante reunião em abril deste ano, em Isla Margarita, Venezuela, e constam do relatório final do projeto. Os resultados obtidos demonstram que esta rede é, atualmente, uma das mais precisas do mundo. Durante a Assembléia do Rio decidiu-se pela criação de um terceiro grupo de trabalho ("Datum Vertical"), tendo sido indicado um técnico do Departamento de Geodésia do IBGE para presidi-lo.

O alto nível de cooperação entre os participantes, incluindo os países sul-americanos, as entidades patrocinadoras e os consultores científicos, representando mais de 30 instituições das Américas e Europa, garantiu êxito notável ao projeto SIRGAS, fato reconhecido e destacado durante a Assembléia do Rio.



## Safra deste ano deve superar a anterior em 5,72%

A produção total estimada de cereais, leguminosas e oleaginosas deverá alcançar 77,465 milhões de toneladas, 5,72% maior que a obtida em 1996, quando foram produzidas 73,275 milhões de toneladas. Na região Centro-Sul e em Rondônia, responsáveis por 89,0% da produção nacional, houve um incremento de 6,30%, enquanto nas Regiões Norte (exceto Rondônia) e Nordeste, com 11% da produção brasileira, registrou-se um crescimento de 1,18% em relação à safra anterior.

Levantamento realizado pelo IBGE em agosto destaca as variações nas estimativas de produção de dois produtos, em relação ao mês anterior: cacau em amêndoa (7,03%) e milho 2ª safra (2,64%).

A variação observada na estimativa do cacau em amêndoa, deve-se às novas informações do estado da Bahia, onde a produtividade esperada aumentou 7,05% em relação ao mês passado. Com os preços atuais em patamares melhores, os produtores vêm se dedicando mais à cultura do que em anos precedentes. Com relação ao milho produzido na 2ª safra, o acréscimo verificado na produção esperada, é proveniente de Mato Grosso do Sul, onde o clima e a tecnologia utilizada beneficiaram a cultura neste ano.

De uma safra para a outra, a maioria das principais culturas registrou alta na estimativa de produção: batata-inglesa 1ª safra (0,72%), cacau em amêndoa (17,68%), cana-de-açúcar (2,14%), feijão 1ª safra (5,18%), feijão 2ª safra (15,22%), feijão 3ª safra (16,79%), laranja (0,04%), mandioca (1,77%), milho 1ª safra (7,78%), milho 2ª safra (14,00%) e soja (9,47%). Dos 17 produtos analisados, apenas seis apresentaram negativa: algodão herbáceo (-16,25%), arroz (-8,10%), batata-inglesa 2ª safra (-0,21%), café em coco (-8,97%), cebola (-5,36%) e trigo (-12,00%).

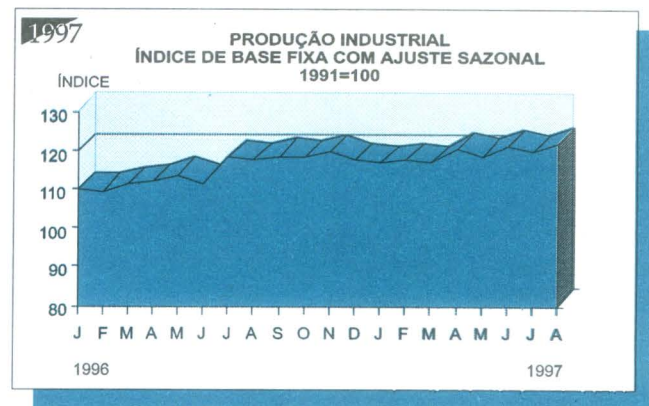
## Indústria cresce 4,8% no ano e muda perfil de crescimento

Os números sobre a atividade industrial no mês de agosto confirmam os sinais de alteração na composição do crescimento do setor. Em várias comparações constata-se que, ao mesmo tempo em que as áreas produtoras de bens de consumo, particularmente de duráveis, ostentam taxas negativas, segmentos produtores de bens de capital e de insumos e matérias primas em geral, passam a apresentar comportamento positivo.

Entre julho e agosto a produção da indústria avançou 1,7%, já descontadas as influências sazonais. A expansão foi puxada pelos segmentos de bens de capital (5,2%) e de bens intermediários (1,8%), pois a produção de bens de consumo duráveis recuou -0,7% e a de bens semiduráveis e não-duráveis manteve-se praticamente estável (0,2%).

O resultado obtido sobre o mês anterior repete a trajetória oscilante que este indicador vem apresentando ao longo do ano, configurando um quadro de sustentação do patamar de produção em 1997. Dos ramos que expandiram a

produção, entre um mês e outro, os principais avanços ficaram por conta de mecânica (8,2%), material de transporte (4,4%) e química (3,6%).



No confronto com igual mês do ano anterior, o desempenho industrial em agosto último mostrou acréscimo de 2,1%, com taxas positivas em 13 dos 20 ramos pesquisados. As áreas de maior impacto no resultado global foram química (6,3%) e extrativa mineral (12,4%). As quedas mais importantes foram contabilizadas por vestuário, calçados e artefatos de tecidos (-17,2%), material elétrico e de comunicações (-7,6%) e têxtil (-10,7%). A alteração que vem se verificando no perfil do crescimento industrial fica evidente quando se focalizam as categorias de uso. No comparativo agosto 97/agosto 96, a área de bens de capital registrou ampliação de 6,3%, vindo a seguir bens intermediários, com 4,0%. Por outro lado, tanto bens de consumo duráveis (-6,4%), como os semiduráveis e não-duráveis (-2,9%), acusam queda no período.

O indicador acumulado no período janeiro-agosto/97 fica em 4,8% e, embora venha se reduzindo frente às taxas assinaladas em meses anteriores (ao final do primeiro semestre era de 6,0%), não deixa de ser expressivo. Isto porque, com a entrada dos meses do segundo semestre de 1996 na base de comparação, já era esperada uma redução nos índices ao longo de 1997.

Quanto aos índices regionais, no acumulado de janeiro a agosto, a indústria gaúcha sustenta a liderança, com 11,8%. Bons desempenhos ocorreram também no Paraná (8,7%) e Santa Catarina (6,0%), levando o acumulado da região Sul a 9,1%. Outro local a apresentar taxa acima da média nacional foi São Paulo (5,1%). A indústria mineira cresceu 4,6%, no período, vindo a seguir Rio de Janeiro (3,9%) e Nordeste (1,4%). Foram desta última região os únicos resultados negativos, nesta comparação: -1,6% para Pernambuco e -0,1% para Bahia.

Nos oito primeiros meses do ano, os resultados positivos predominam em 16 dos 20 ramos pesquisados, ficando as indústrias de fumo (27,3%), farmacêutica (11,7%), material de transporte (10,9%) e extrativa mineral (9,2%) com as marcas mais elevadas. Entre as categorias de uso, a liderança ainda é dos bens de consumo duráveis (7,8%) que, no entanto, desaceleraram rapidamente seu ritmo de crescimento (no primeiro semestre o acréscimo foi de 13,6%). O desempenho dos bens intermediários, também acima da média da indústria, fica em 6,0%, enquanto a produção de bens de capital acumula acréscimo de 3,7%. Finalmente, os bens de consumo não-duráveis mostram estabilidade (0,0%) no acumulado de janeiro-agosto.

## Banco de dados do IBGE incluirá informações por bairro e distrito

O Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA permite o acesso, via Internet, a dois grandes acervos de dados: o Banco de Dados Agregados, composto de 391 tabelas, provenientes de 23 pesquisas e organizadas em oito grandes temas (agropecuária, comércio, contas nacionais, indústria, orçamentos familiares, população, preços, trabalho e rendimento), e o Banco de Estruturas Territoriais, que apresenta a estrutura político-administrativa do País, municípios com características especiais, bem como as áreas especiais para investigação de determinadas pesquisas do IBGE.

Os resultados das consultas são apresentados sob a forma de tabelas e de relações de unidades territoriais, contendo, além dos dados, informações (metadados) que descrevem as tabelas e seus componentes, de modo a esclarecer conceitos e interpretações adotados, além das particularidades específicas ocorridas em determinado período de apuração dos dados.

A quantidade de informações disponibilizadas pelo IBGE via Internet não pára de crescer: somente ao SIDRA já atingimos a casa de 30 mil consultas por mês.

Graças à interatividade, uma das grandes marcas da rede mundial onde o IBGE está presente desde 1995, tem sido possível ajustar o sistema de acordo com o interesse do público. O processo de carga e disponibilização dos dados da pesquisa de Contagem da População 1996, por exemplo, incluirá informações em nível de distrito e bairro, atendendo a uma das principais demandas dos usuários.

Uma nova versão do SIDRA já se encontra em desenvolvimento e teste, pelo Departamento de Banco de Dados - DEBAD, utilizando recursos de informática recentes. Isto vai permitir a integração com as novas versões do Banco de Metadados (onde ficam armazenadas as descrições sobre os dados) e do Banco de Estruturas Territoriais. As diversas funções adicionadas ao sistema vão possibilitar a melhoria da interface com o usuário, obtenção de gráficos, pesquisa por palavra-chave e visualização espacial dos dados através de mapas temáticos.

É possível acessar o SIDRA por intermédio do ícone *acesso a banco de dados*, na home page do IBGE ([www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)).

## Começa treinamento visando uniformização das contas regionais

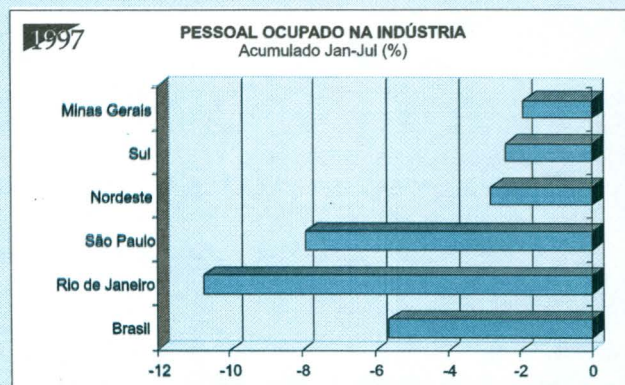
Dando prosseguimento ao projeto de homogeneização das contas regionais, o IBGE promoveu, em parceria com o IPARDES, Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, o 1o módulo do Curso de Capacitação em Contas Regionais para técnicos dos órgãos estaduais de estatísticas envolvidos com a elaboração desses resultados em seus estados. Ministrado pelo Departamento de Contas Nacionais do IBGE, em Curitiba, entre os dias 13 e 17 de

outubro, o curso foi concebido com o objetivo de não só habilitar as equipes locais na aplicação dessa metodologia - já entregue aos órgãos estaduais -, mas de garantir também a maior disseminação possível. Para tanto, o convite à participação foi estendido às instituições regionais de pesquisas. Da parte do IBGE, o acompanhamento do trabalho inclui, além do treinamento, a prestação de assessoria técnica.

A proposta metodológica elaborada para permitir a construção de contas regionais, compatível com os conceitos das contas nacionais e comparável entre todas as Unidades da Federação foi apresentada pelo IBGE num encontro realizado em 1996. Um segundo encontro aconteceu em abril deste ano, no Rio, quando os órgãos regionais mostraram as metodologias por eles adotadas. O treinamento agora realizado é o primeiro de uma série já programada e faz parte de uma iniciativa muito mais abrangente, objetivando a criação das condições técnicas para a implantação das Contas Regionais nas Unidades da Federação.

E o programa estabelecido para implantar essa metodologia única não pára por aí. Fundamental para a ampliação dos sistemas de informações regionalizadas, num cenário de crescente descentralização político-administrativa, a fase final de definição metodológica levará à promoção de um terceiro encontro, ainda este ano, quando serão debatidas as dificuldades para a implementação da metodologia sugerida. A expectativa é de que adesão ao projeto aumente, até incluir a totalidade dos órgãos regionais.

## Dados de julho confirmam perdas para a ocupação industrial



A indústria brasileira fechou 5,6% dos postos de trabalho nos sete primeiros meses do ano (contra igual período do ano anterior). As demissões alcançaram todos os locais pesquisados, afetando mais Rio de Janeiro (-10,7%) e São Paulo (-7,9%). Com exceção da indústria fumageira (10,0%), todos os setores reduziram seu efetivo, destacando-se os ramos de mecânica (-10,9%) e borracha (-12,1%).

De junho para julho, as dispensas superaram as admissões em 17 dos 22 ramos industriais. O setor mecânico cortou 2,9% dos postos de trabalho, mas as variações

negativas mais importantes atingiram as indústrias de fumo (-11,3%) e vestuário (-3,1%). Já o segmento borracha expandiu a mão-de-obra em 0,8%, mesmo índice dos minerais não-metálicos. As regiões mais afetadas são, outra vez, São Paulo (-1,4%) e Rio de Janeiro (-1,3%).

Pelo levantamento de julho, o total de salários pagos também encolheu: ficou 0,5% menor do que o resultado de junho. A massa de salários caiu 4,3% contra julho do ano passado, 5,2% de janeiro a julho e 6,3% nos últimos 12 meses. Já o salário por trabalhador revela pequenos ganhos reais em todas as comparações. Aumenta 0,5% na passagem de junho para julho, 1,5% em relação ao mesmo mês do ano anterior, 0,5% no acumulado do ano e 0,6% nos últimos 12 meses (0,6%).

## PNAD 97

Começou em 1º de outubro a etapa de coleta da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD. Até meados de dezembro, 1.950 entrevistadores visitarão mais de 330 mil pessoas em 107 mil domicílios brasileiros. Serão pesquisados características da família, habitação, trabalho, rendimento, educação, migração e fecundidade das mulheres de 15 anos ou mais de idade. Enquanto a PNAD 97 vai a campo, a de 96 entra na reta final e deve ter seus resultados divulgados em novembro deste ano.

## Maioria dos setores do comércio apresenta queda de faturamento

O comércio varejista da região metropolitana do Rio de Janeiro voltou a faturar menos, entre um mês e outro. Constatou-se retração de 1,7% em agosto, resultado que aprofundou o quadro de perdas nas comparações com o ano passado. O movimento declinante é confirmado pela evolução do indicador mensal (agosto 97/agosto 96), cujo decréscimo passou de -12,3%, em julho, para -13,9%, em agosto. Do mesmo modo, o acumulado nos oito primeiros meses do ano (-10,1%) foi inferior ao do período janeiro-julho em meio ponto percentual. Mais acentuado, ainda, foi o declínio do acumulado nos últimos 12 meses, cuja taxa passa de -6,0% em julho para -7,0% este mês, indicando não só a manutenção da tendência negativa dos negócios como até mesmo a sua aceleração.

De julho para agosto, o faturamento caiu em sete das sete das dez atividades pesquisadas. As maiores variações ocorreram em *móveis e eletrodomésticos* (-16,8%), *vestuário, calçados e tecidos* (-5,3%), *material de construção* (-4,5%) e em *outros artigos de uso pessoal* (-3,9%), cujos resultados comprometeram o desempenho do varejo, participando com cerca de dois pontos percentuais negativos na formação da taxa global. As três atividades com expansão real de faturamento, em relação ao mês anterior, foram *combustíveis e lubrificantes* (4,1%); *lojas de departamentos* (3,5%); e *automóveis e motos, peças e acessórios* (2,3%).

No tocante ao emprego, a redução sistemática observada desde meados de 1995 derrubou a taxa de ocupação no setor.

Com isso, a taxa em agosto foi 13,4% menor do que a registrada no início da pesquisa, em janeiro de 1995. Em relação a julho, o número de postos de trabalho sofreu queda de 1,3%. Os demais indicadores apontam retração ainda maior para o nível de ocupação do varejo: -2,4% em 12 meses, -3,5% de janeiro a agosto deste ano contra igual período de 1996 e -5,5% frente agosto do ano passado.

Quanto aos salários e outras remunerações pagos pelo varejo, observou-se aumento real de 0,7%, entre julho e agosto, por conta dos acréscimos em outros *artigos de uso pessoal* (5,3%), *material de construção* (4,7%) e *combustíveis e lubrificantes* (5,3%). Já os indicadores com base de comparação em 1996 apresentaram taxas negativas tanto no índice mensal (-3,2%) quanto no acumulado janeiro-agosto (-1,0%).

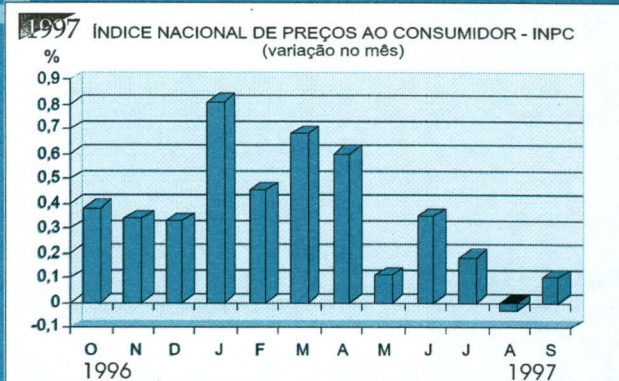
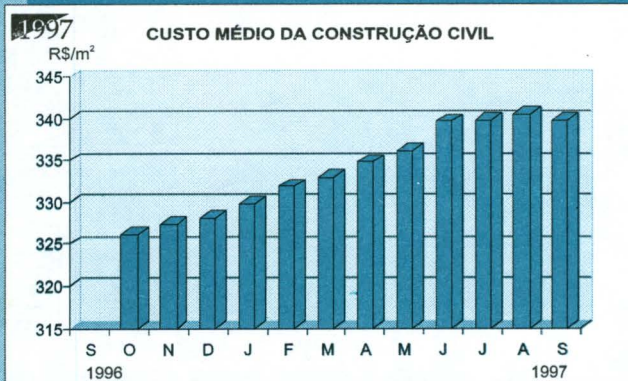
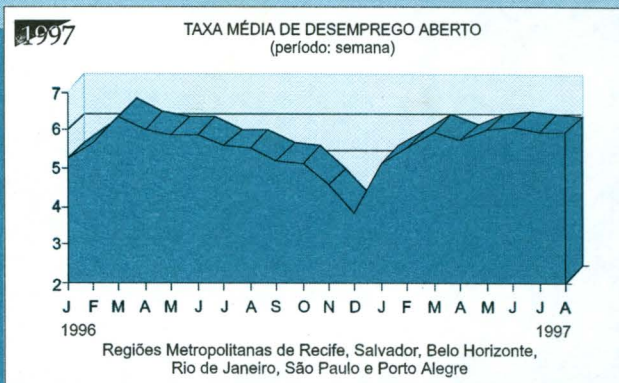
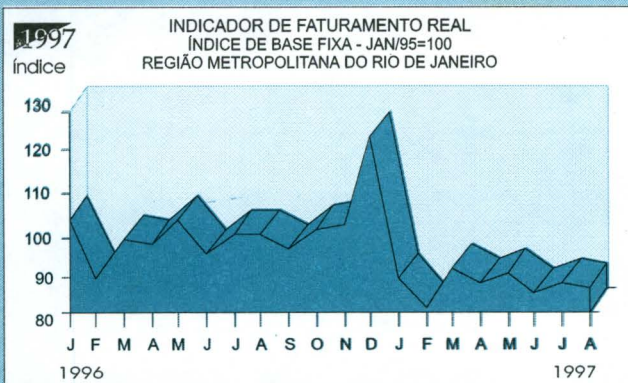
### Saem os primeiros resultados sobre o comércio de Recife

Fruto de um convênio entre o IBGE e o Instituto de Planejamento de Pernambuco - Condepe, os primeiros resultados da Pesquisa Mensal de Comércio na região metropolitana de Recife foram divulgados na capital do Estado, no início da segunda quinzena de outubro, por representantes do Condepe e da Divisão de Pesquisas de Pernambuco. O primeiro relatório publicado traz a série de dezembro/96 a agosto/97. Até o final do ano, será a vez de Salvador, cujo trabalho está em andamento numa parceria com a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI). O passo seguinte tem como alvo Porto Alegre, onde vem sendo feita a implantação do cadastro, etapa preliminar à produção dos indicadores mensais de comércio.

## Inflação anualizada de setembro sobe para 4,38%

O Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) de outubro de 96 a setembro deste ano foi de 4,38%, contra os 4,30% registrados no mês passado. No ano, o índice acumula uma alta de 3,29%, contra os 3,19% de agosto. De agosto para setembro, os preços medidos pelo INPC - com base no consumo médio de famílias com renda mensal de um a oito salários mínimos - subiram 0,10%. As principais variações positivas do INPC, de agosto para setembro, foram Fumo (3,92%), Óleos e Gorduras (2,29%), Cereais, Leguminosas e Oleaginosas (1,61%), Sal e Condimentos (1,07%). Já as principais variações negativas foram Hortaliças e Verduras (-2,54%), Tubérculos, Raízes e Legumes (-2,10%), Pescado (-1,52%), Farinha, Féculas e Massas (-1,30%), Carnes e Peixes Industrializados (-1,26%) e Leite e Derivados (-1,02%).

Já o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) anualizado de setembro caiu para 5,50% (contra 5,59% em agosto). No ano, o índice - que mede a variação de preços com base no consumo de famílias com renda de um a 40 salários mínimos - acumula 4,36%, contra 4,29% em agosto. De agosto para setembro, o IPCA variou 0,06%, com destaque para as variações de Fumo (3,92%), Óleos e Gorduras (2,52%), Cereais, Leguminosas e Oleaginosas (1,69%), Sal e Condimentos (1,25%), Hortaliças e Verduras (-5,53%), Tubérculos, Raízes e Legumes (-1,84%), Carnes e Peixes Industrializados (-1,42%) e Leite e Derivados (-1,34%).



**INDICADORES CONJUNTURAIS**

	Período de Referência	Nível	Em relação ao período anterior (%)	Em relação ao mesmo período do ano anterior (%)
<b>Produto Interno Bruto (índices trimestrais)</b>				
Total (1980=100)	1997/II	144,06 (1)	3,29 (1)	4,96 (2)
Agropecuária (1980=100)	1997/II	168,69 (1)	2,50 (1)	5,51 (2)
Indústria (1980=100)	1997/II	122,21 (1)	4,08 (1)	6,95 (2)
Serviços (1980=100)	1997/II	162,28 (1)	2,86 (1)	3,06 (2)
<b>Produção Agrícola (milhões de toneladas)</b>				
Total de cereais, leguminosas e oleaginosas (3)	Ago/97	77,465	-	5,72 (4)
<b>Produção Industrial (índices mensais)</b>				
Total (média de 1991=100)	Ago/97	128,13	1,72 (1)	2,13
Bens de capital (média de 1991=100)	Ago/97	114,37	5,20 (1)	6,29
Bens intermediários (média de 1991=100)	Ago/97	125,44	1,80 (1)	3,98
Bens de consumo duráveis (média de 1991=100)	Ago/97	173,99	-0,74 (1)	-6,43
Bens de consumo não-duráveis (média de 1991=100)	Ago/97	123,37	0,19 (1)	-2,94
<b>Comércio Varejista (índices mensais) (5)</b>				
Faturamento (Jan/95=100) (6)	Ago/97	85,97	-1,71	-13,94
Emprego Assalariado (Jan/95=100)	Ago/97	86,62	-1,34	-5,48
Salários e outras remunerações (Jan/95=100) (6)	Ago/97	107,62	0,66	-3,18
<b>Mercado de Trabalho</b>				
Taxa média de desemprego aberto (%) (7)	Ago/97	5,95	-0,34	7,01
<b>Rendimento médio real (índice mensal jul/94=100) (8)</b>				
Empregados c/ carteira assinada	Jul/97	122,38	2,10	3,50
Empregados s/ carteira assinada	Jul/97	133,55	-0,10	-1,60
Conta-própria	Jul/97	146,86	2,20	2,40
Emprego industrial (índice mensal, 1985=100) (9)	Jul/97	68,23	-0,99	-5,73
Salário médio real na indústria (índice mensal, 1985=100) (10)	Jul/97	120,82	0,46	1,54
<b>Preços</b>				
Índice de preços ao consumidor - INPC (dez/93=100)	Set/97	1415,18	0,10	4,38
Índice de preços ao consumidor amplo - IPCA (dez/93=100)	Set/97	1422,63	0,06	5,50
Índice de preços ao consumidor amplo especial - IPCA-E	Jul/Ago/Set	-	0,43 (11)	-
Custo médio da construção civil (R\$/m²)	Set/97	339,67	-0,21	4,01

NOTAS: (1) Série com ajuste sazonal. (2) Taxa acumulada no ano. (3) Estimativa no mês de referência para a produção total esperada no ano em curso (caroço de algodão, soja, milho, trigo, arroz, feijão, amendoim, mamona, aveia, centeio, cevada, sorgo). (4) Variação em relação à produção obtida no ano anterior. (5) Resultados da Pesquisa Mensal de Comércio para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro (6) Deflacionado pelo IPCA da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. (7) Taxa média de desemprego aberto (semana), abrangendo regiões metropolitanas de Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. (8) Rendimento do trabalho principal das pessoas ocupadas, deflacionado pelo INPC. (9) Pessoal acupado na produção. (10) Deflacionado pelo INPC. (11) Variação acumulada no período de referência. O IPCA-E é divulgado ao final de cada trimestre.

# CON TA GEM da POPULAÇÃO

**VOCÊ** já viu aqui na Carta, nos jornais, nas revistas, nas rádios e na TV.

**AGORA**, no livro e no CD Rom, você tem muito mais informação sobre o último censo demográfico feito excepcionalmente pelo IBGE, no final do ano passado, para atender às demandas da sociedade por informações sempre atualizadas sobre a **POPULAÇÃO** e os **DOMICÍLIOS**.



**E MAIS:** textos de análise dos dados, a metodologia adotada na pesquisa, informações sobre os outros recenseamentos, gráficos e cartogramas.

LIVRO e CD ROM  
R\$35,00

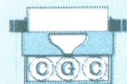


# IBGE

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES  
Divisão de Comercialização  
Rua General Canabarro, 706/ Bloco B - 2º andar  
20271-201 - Maracanã, RJ  
Tel.: (021)569-2043 Ramais: 118, 119 e 137 Fax/Tel.: (021)284-7690  
Ligação Direta Gratuita: 0800-218181

ATENDIMENTO: 0800 218181



## Coordenação Geral de Comunicação Social

publicação mensal do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, produzida pela CGC  
Av. Franklin Roosevelt, 166 - 9º andar  
20021-120 - Rio de Janeiro/RJ  
Tel.: (021) 220-0411 / Fax: (021) 262-5429  
Endereço na Internet: <http://www.ibge.gov.br>  
E-mail: [cartaibge@ibge.gov.br](mailto:cartaibge@ibge.gov.br)

Coordenador e editor responsável  
Carlos Vieira (Reg. Prof. nº 18.508 Mtb-RJ)  
Editor-chefe  
Adilson Ribeiro

## CARTA IBGE

Assistentes:  
Fátima Santos, Léa Aguiar,  
Regina MacCord e Sheila Riera

Publicidade:  
Lecy Delfim  
Programação Visual:  
L. Gonzaga  
Impressão e circulação - Centro de Documentação e Disseminação de Informações - CDDI

Tiragem: 27.000 exemplares

*Carta IBGE* é um projeto integrado do qual participam, ainda, a Diretoria de Pesquisas (Francisco Alchorne), a Diretoria de Geociências (Angelo Pavan) e o CDDI (Delfim Teixeira).

Nesta edição foram utilizados dados disponíveis até 18/10/97